

O quanto você aguentaria?



# NOITE DE TORMENTA

Um livro de: JOANA D'ARC & Camille Storch

## Capítulo 1

Era a primeira vez que Giulia havia conseguido convencer Vivian a ir a uma balada, não qualquer balada, mas sim na mais badalada de toda Paris.

As duas estavam agora no que era um antigo abrigo antibombas, completamente construído e lacrado com chumbo, onde a única lei era se divertir e esquecer os problemas, na festa do ano.

Dessa vez, Giulia ia fazer a amiga, que adorava música, mas odiava sair de casa por puro medo, se divertir, nem que para isso ela tivesse que embebedar Vivian.

- Acho melhor eu voltar para casa. – Vivian falou, segurando o braço de Giulia, com força.

- Pare de ser uma medrosa, a gente vai passar uma noite divertida, agora beba isso e se solte um pouco. – Disse a bela garota, de vestido agarrado e maquiagem carregada, à assustada amiga, que por fora parecia seu oposto.

Giulia vestia uma maravilhosa roupa, mostrando o seu físico em dia; já Vivian preferiu uma roupa mais coberta e até mesmo tímida - a verdade é que Vivian não usava maquiagem ou roupas mais agarradas por timidez, mas simplesmente pelo fato de ter medo de furar seu olho com o lápis, ou que uma roupa mais apertada ou sexy pudesse chamar a atenção de um homem louco que quisesse estuprá-la ou matá-la.

Essa covardia de Vivian parecia recato para muita gente, isso se você não a conhecesse, mas Giulia a conhecia e sabia que sua amiga adorava falar, principalmente para tentar convencer as pessoas de como o mundo era um lugar perigoso. Muitos consideravam Vivian paranoica. Giulia a considerava excêntrica e divertida, sem contar que a bela ruiva covarde tinha um excelente gosto musical e compunha músicas incríveis, fazendo Giulia gostar de conversar com ela, principalmente quando podia ajudar a amiga a promover suas músicas nas baladas em que frequentavam.

- Giu, você não deveria estar bebendo, você....

- Viv, sabe que música vai tocar hoje? – Giulia, animada, interrompeu a amiga.

- Giu, não...

Antes da bela e desajustada ruiva continuar a falar, uma batida começou a tocar e imediatamente a ruiva reconheceu - era a música que ela havia composto, tocado e cantado; a jovem abriu um leve sorriso, mas antes que ela conseguisse realmente entrar no clima da balada e finalmente relaxar, a música repentinamente foi cortada, as luzes antes piscando, agora estavam totalmente apagadas, fazendo a escuridão dominar o local. A antes barulhenta balada, agora se transformara em um completo silêncio. O que há poucos minutos fora o badalado lugar, havia se transformado no que parecia ser um grande velório.

- O que está acontecendo? – Vivian, apavorada, segurou o braço da amiga, mas dessa vez ela não era a única amedrontada. Todos, no grande salão, ao ligar as luzes de seus celulares e tentar se dirigir até as portas, rapidamente começaram a ficar em pânico - elas estavam totalmente seladas.

Murmúrios entre amigos começavam a se transformar em conversas acaloradas, todos tentando entender o que estava acontecendo.

Giulia observava a conhecida casa noturna com a pequena lanterna de seu celular e com sua amiga em seu braço.

- Gerard? – Giulia chamou e o barman, um homem alto, colocou a luz do seu celular no rosto de Giulia, fazendo seus grandes olhos verdes brilharem. – Você sabe o que está acontecendo?

- Infelizmente, não, ninguém nos alertou sobre nenhum show em especial hoje.

- Eu te falei.... – Vivian puxava o braço da amiga, como uma criança puxa o braço da mãe.

- Acalme-se, Vi....

Antes que Giulia ou Vivian começassem a discutir, um grito ecoou pelo quarto escuro. Giulia imediatamente se dirigiu aonde o grito havia surgido, deixando a amiga para trás, e foi quando ela viu uma garota esquelética pendurada de cabeça para baixo, com o pé preso por uma corda. Os longos cabelos da menina ficavam sobre seu rosto, enquanto ela tentava segurar a sua minissaia para baixo, escondendo o fato que ela não usava qualquer calcinha!

- Parem de rir! – A garota gritava, ainda pendurada, começando a sentir o sangue subir, ou, no caso, descer, para sua cabeça.

Giulia percebendo que todo mundo ria da garota balançado do teto, imediatamente voltou para o balcão, pegou uma faca e com o celular em sua boca, soltou a menina esquelética da estranha corda bamba, que mais parecia um elástico grosso.

- Isso doeu! – Reclamou a garota, ingratamente.

- Prefere voltar a ficar pendurada? – Giulia desafiou-a.

- Seria uma visão mais agradável! – Alguém da grande multidão gritou, fazendo todos rirem.

- Acham engraçado?! – Repentinamente, Vivian apareceu em meio à multidão. – Estarmos todos presos aqui?!

Imediatamente, o silêncio tomou conta do lugar. Ficar presos em uma estufa, sem entrada de ar, com janelas e portas fechadas, era apavorante para todos.

- Relaxa um pouco, Vivian...

- Relaxar? Giulia, que merda está falando? Estamos presos em uma estufa sem ar, nós vamos morrer. Como não pode perceber isso?

- Nós só precisamos ligar para a polícia. – Giulia falou, mas quando pegou o celular logo lembrou que não tinha qualquer sinal naquela balada subterrânea. Tinha esquecido, por um breve momento que elas estavam no subsolo. – Gerard, acha....

A noite começou a ficar mais esquisita, quando a luz do lugar repentinamente acendeu e todas as paredes, antes pretas, agora tinham estranhos garranchos desenhados nas paredes, parecendo até pinturas infantis, borboletas e casas por todo lugar; parecia que uma criança de dez anos havia passado pelo lugar e feito a decoração com tinta vermelha ou, pior, sangue.

Giulia começou a se aproximar e assim que tocou na parede, com cuidado, quase ficou com a mão colada nela. Se tivesse pressionado a mão com ainda mais força, teria ficado presa na parede, assim como algumas pessoas que haviam feito o mesmo que ela, e que agora tinham suas mãos grudadas contra essa parede. Enquanto isso, outros eram empurrados, por pura diversão de algumas pessoas, fazendo boa parte dos presentes na balada ficarem colados nas paredes.

- Me tirem daqui! – Algumas pessoas gritavam, irritadas. – Quero ir para casa.

- Vá à merda! – Outras pessoas berravam aos seus amigos, ou melhor, inimigos, já que os haviam empurrado contra a parede por puro entretenimento.

A situação estava passando de assustadora para completamente bizarra. Ninguém ali saberia lidar com aquela situação se aquilo não parecesse simplesmente uma atração da casa noturna.

- Giulia, como vamos sair daqui? – Vivian pediu, assustada, tentando puxar a amiga para longe.

- Espera um instante. – Giulia respondeu, tentando entender toda aquela situação - sabia que era normal a casa noturna fazer atrações, mas não estava conseguindo ver qualquer coisa que lembrasse uma atração divertida e isso muito menos parecia ser um acidente, afinal, em acidentes, não costumava ter cola vermelha na parede e não se deixavam meninas penduradas de ponta cabeça, então, o que estava acontecendo?

As pessoas começavam a parar de achar divertido quando tentaram recolocar a música e também a tentar abrir a porta para sair daquele lugar. Logo a diversão começou a se tornar tensão. As pessoas de sorrisos ficaram sérias, perguntando umas às outras, como sairiam daquele inferno de lugar.

Algumas, mais conformadas, começaram simplesmente a ir para o bar para se embriagar – afinal, seria a única coisa para fazer até alguém dar por falta deles. Um grande homem, alto, e que mais parecia um carro de tão enorme, oferecia bebida a todos. Esse homem era Gerard, um gigante com muita paciência, que trabalhava sempre naquele bar. Era considerado um ótimo barman e sabia fazer as melhores bebidas, mas com certeza, depois daquela noite, onde ele oferecia bebida de graça para todos, o dono da casa o demitiria. Mesmo assim, achou melhor oferecer a bebida do que deixar todo mundo ainda mais tenso, ou será que estava enganado?

Em menos de 30 minutos, pessoas sóbrias estavam alteradas e até mesmo desesperadas e bêbados começavam a ficar confusos e desesperados também; pior do que pessoas desesperadas, eram bêbados nesse estado, principalmente em um lugar fechado de onde ninguém poderia sair. Tudo aquilo era uma receita para o desastre.

- Retira o que você disse.... – Um homem gordo e já completamente embriagado falou para outro. Ele já estava tão bêbado que provavelmente viera assim de uma festa anterior; mal conseguia ficar em pé e derrubava copos no chão.

- Sua mãe deve ter uma vagina enorme para... – Um soco foi dado, mas não pegou no homem que insultava a mãe do gordo, foi pego no ar, fazendo o homem cambalear e a rolar por todo o chão - os outros bêbados riam da cena.

Vivian sabia que se aquilo continuasse seria ainda pior.

- Vão a merda e calem a boca! – Giulia gritou, entrando no meio da confusão, fazendo sua amiga tentar puxá-la para longe. – Vocês têm que aprender a beber.

- O que disse? – Outro brutamontes começou a se aproximar de Giulia, que gritava e parecia querer ficar no meio da confusão, como se estivesse se divertindo, ao contrário da sua amiga, que não estava nada a fim de encrenca.

- Desculpe. – Vivian logo se colocou na frente da amiga. – Ela não falou nada....

O homem 'armário' encarou a ruiva e logo deu um sorriso para Vivian, mas antes que ele conseguisse avançar qualquer sinal, Giulia cuspiu no homem, que ameaçou batê-la; Gerard apareceu.

- Receio que isso é um pouco exagerado. – Gerard falou ao bêbado.
- Exagerado é a vadia cuspir em mim!

De repente, os dois homens começaram a brigar e, aos poucos, não apenas Gerard e o bêbado brigavam, mas todos os caras que bebiam começaram a brigar. A briga entre os 2 aumentou para uma briga entre 5, 10, 15 bêbados. Era a briga mais bizarra e até divertida que qualquer pessoa havia visto, pessoas socando o ar, tropeçando nas próprias pernas e as palavras que emitiam começavam a ser tão infantis que todos se questionavam se era uma briga entre maiores de idade, ou simplesmente uma briga de um grande jardim de infância. O único sóbrio, que apenas desviava dos socos era Gerard, que tentava acalmar a situação, depois de basicamente ter começado dando o primeiro soco certo.

Coisas logo começaram a voar por toda a balada. Primeiro, coisas leves, guardanapos, depois coisas um pouco mais pesadas, copos e em seguida garrafas - parecia que todos estavam fazendo uma competição de quem conseguia arremessar as coisas para mais longe e as mais pesadas, até que finalmente cadeiras começaram a voar por todo lugar. Vivian finalmente conseguiu puxar Giulia para o chão, enquanto tudo voava sobre suas cabeças.

- Vamos para o banheiro. – Giulia sugeriu à amiga, que a arrastava, ainda observando a briga dos bêbados.

Mesmo sabendo que tinha provocado a briga, não podia deixar a amiga, que tremia no meio daquela agitação toda. Conhecia Vivian, ela entraria em um colapso se continuasse daquele jeito.

As duas, junto com algumas pessoas atrás delas, começaram a fazer o mesmo: se arrastavam para o banheiro fugindo de todo o caos.

A cena da casa noturna chegava a ser quase cômica: pessoas presas na parede, objetos não identificados voando sobre as cabeças de todos e a chuva de bebida alcóolica, colocavam a cereja em cima do bolo da bizarrice, enfeitado com o chantilly de palavrões que as pessoas grudadas na parede gritavam com medo de serem atingidas. Se alguém contasse essa história para Giulia, ela jamais acreditaria.

Assim que chegaram ao banheiro, perceberam que muitos tiveram a mesma ideia; o já pequeno banheiro de ladrilhos pretos e espelho comprido estava completamente lotado, não apenas com mulheres. Homens haviam invadido o banheiro feminino e as mulheres também haviam invadido o banheiro masculino.

De repente, assim que Giulia e Vivian conseguiram ficar em pé novamente e começaram a costurar o seu caminho pelo banheiro lotado, os sensores de fumaça começaram a apitar e água começou a cair pelos extintores de teto; as privadas enlouquecidas cuspiam água transformando o banheiro em um completo caos, fazendo boa parte das pessoas de dentro do banheiro correr para fora daquela loucura barulhenta e molhada.

Giulia não se importou e segurou Vivian em um canto, enquanto as pessoas corriam para fora. Seria mais perigoso seguir a multidão do que continuar no banheiro, mesmo que o banheiro estivesse completamente enlouquecido.

- O que é isso? – Uma das poucas pessoas que restou no banheiro, uma jovem mulher de cabeça raspada e enormes brincos de argola perguntou em voz alta para o amigo que a acompanhava no banheiro; ambos olhavam diretamente para um pequeno bilhete embrulhado em um plástico.

Giulia, curiosa e junto com outro pequeno grupo de quatro pessoas que continuava no banheiro, foi em direção da jovem que segurava o papel.

- O que vocês acharam? – Giulia perguntou, e a jovem que segurava o bilhete no plástico virou-se e mostrou o bilhete para o resto do grupo que se formou em volta dela.

- “Nós vamos fazer uma pequena gincana hoje, aqui na casa noturna. Todos devem seguir as regras; se não seguirem, serão punidos, se seguirem, os vitoriosos sairão. Boa sorte”.

Isso era o que constava no pequeno bilhete - quando o viraram, tentando achar mais alguma coisa, não havia nada, a não ser um enorme emoji de risos. A situação estava cada vez mais estranha. Isso não parecia ser uma atração da casa noturna, não sem um show ou uma banda famosa e sem contar que ninguém havia falado do evento em nenhuma rede social – acredite, Giulia saberia - então o que era tudo aquilo?

- Achei outro aqui. – Um homem baixo alertou, apontando para um bilhete que flutuava próximo da privada. Como todos pareciam apreensivos em pegar o bilhete, Giulia o pegou, apesar de Vivian tentar impedi-la, segurando-a pelo braço.

- “Primeira gincana: separem-se em dois grupos - está na hora do cabo de guerra. Peguem o cabo elétrico da mesa do DJ e divirtam-se”. – Giulia leu com um tom de pura descrença e todo o pequeno grupo começou a se encarar, tentando entender tudo aquilo. – Esperem, tem algo atrás... – O emoji do punho estava impresso no verso da folha, deixando Giulia furiosa, amassando a folha e jogando-a no chão ensopado do banheiro. Que droga de pessoa fazia aquilo, ela não estava com a menor paciência de brincar daquelas coisas infantis.

- Será que é um atentado terrorista? – Um dos garotos perguntou, apreensivo.

- Até parece. – Giulia interveio. – Que eu saiba, terroristas sentem prazer em explodir coisas, não em torturar pessoas com gincanas para crianças.

- Acha que temos que obedecer? – A garota que havia achado o primeiro bilhete perguntou, tensa.

- Sei lá, se o pior que ele pode fazer é nos prender contra a parede, duvido. – Giulia deu uma breve risada. – Acho que podemos ignorar....

Antes que Giulia conseguisse continuar com sua linha de raciocínio, mais gritos começaram a surgir do salão principal, mas dessa vez pareciam de completo desespero.

Todo o pequeno grupo do banheiro correu para fora e antes que pudessem entender o que estava acontecendo, Giulia sentiu a água em seus pés se transformar em algo pegajoso e grudento, e percebeu que todas as paredes do salão haviam sido banhadas com gosma verde, fazendo com que todas as pessoas que estavam grudadas na parede, parecessem pequenos monstros do pântano.

- O filho da mãe que continuar com isso é um homem morto! – Um tipo grandalhão gritou, furioso. – ME ENTENDEU?!

- Calma, Hector, nós vamos sair daqui. – Uma garota de cabelinho Chanel falou ao homem.

- E como, Luísa? – O homem estava furioso, assim como muitos daquele lugar, principalmente os que ainda continuavam grudados na parede.

- Parece que teremos que seguir as regras desse maluco. – Giulia comentou com o grupo.

- Você está fazendo isso?! – O grande homem começou a se aproximar de Giulia.

– Até parece, tenho mais o que fazer, mas parece que esse maluco não. – Giulia falou indicando toda a balada. – Parece que quem nos trancou aqui quer brincar com a gente.

- Brincar? – O grandalhão perguntou, desconfiado, enquanto Vivian tirava os bilhetes amassados do bolso, que havia recuperado no banheiro depois do grupo jogá-los fora, e os entregava ao homem que quase os arrancou da mão da jovem. Assim que os leu, jogou-os no chão e cuspiu neles. – Até parece que eu vou fazer algo tão infantil!

De repente, todo lugar ficou escuro novamente e antes que qualquer um pudesse realmente entender o que estava acontecendo, um grito forte de agonia surgiu na casa noturna, deixando todo mundo quase surdo. Agora, uma única luz vermelha começou a iluminar todo o grande salão. Hector, o homem que desprezou o bilhete, caiu, de súbito, e teve literalmente o chão tirado de seus pés, fazendo-o desabar no desconhecido, emitindo um fino grito - parecia até uma menina de oito anos – e deixou todos, claro, ainda mais atordoados com a situação.

“Não se preocupem, ele está bem... Por enquanto”. Uma voz distorcida surgiu por toda a casa noturna. “Isto é, se todos seguirem as regras; nem pensem em quebrá-las, senão todos sofrerão as consequências”. A voz mecânica parecia rir e zombar de todos dentro da casa noturna e assim que a voz desapareceu, um grande holograma de um emoji irritado apareceu e desapareceu segundos depois, fazendo a boate voltar a ter a iluminação normal novamente.

As pessoas, antes confusas, agora, começavam a entrar no desespero completo. Todos pareciam galinhas sem cabeça, cada uma correndo para um canto da casa noturna, sem qualquer direção e ao mesmo tempo sem a menor noção do que fazer. Giulia, frustrada ao ver toda aquela agitação, andou pelo chão, empurrou algumas pessoas e subiu na mesa do bar, soltou o seu melhor assobio e fez com que todos se calassem e olhassem diretamente em sua direção.

- Agora que tenho a atenção de vocês, vamos parar com essa merda toda! – Ela gritou, para todos. – Se quisermos sair daqui, vamos obedecer! No primeiro bilhete, pediram para fazermos um cabo de guerra, então vamos fazer a porcaria de um cabo de guerra!

Todos encararam Giulia como se ela fosse uma louca.

- E por que temos que obedecê-lo? Ou a você? Quem te deixou no comando?

- Não obedecem a mim e nem a ele, mas aquele cara foi engolido pelo chão! – Giulia falou de maneira dramática, querendo que todos sentissem medo. – Quer que aconteça o mesmo com vocês? Vocês nem sabem o que tem abaixo de nós! O cara pode estar morto!

- Ela tem razão, é melhor obedecer se quisermos sair daqui. – Um jovem de cabelos pretos concordou com Giulia, era o lógico a se fazer, mas ninguém sabia se o lógico era o certo - eles poderiam pelo menos tentar.

- Então, o que vocês querem fazer? – Giulia desafiou as pessoas, em alto e bom tom.

Aos poucos, a multidão começou a concordar a entrar na brincadeira. Rapidamente, um pequeno grupo de pessoas pegou o tal cabo elétrico para

participar do cabo de guerra, enquanto Giulia e Vivian, juntamente com algumas outras pessoas, tentavam limpar um pouco do chão gosmento para que o puxa-puxa pudesse acontecer.

- E se alguém se machucar? – Vivian questionou Giulia. – É melhor esperarmos a polícia.... Não parece...

- Viv, se esperarmos a polícia, as pessoas vão enlouquecer com o próprio pânico, você deveria saber isso melhor do que ninguém. – Giulia afirmou, sabendo que a amiga vivia no mundo do medo. – Precisamos nos distrair, nem que para isso tenhamos que seguir essas regras loucas.

- Aqui! – Uma garota com um pequeno grupo avisou que o enorme cabo preto já estava pronto e em seguida as pessoas começaram a se separar em dois grupos.

Giulia e Vivian, é claro, ficaram no mesmo grupo. De início, todos estavam apreensivos em começar aquela brincadeira, havia aproximadamente trezentas pessoas no local, pelo menos cinquenta estavam presas na parede e uma havia desaparecido, engolida pelo chão; então, quando os times foram divididos, o que estava acontecendo não parecia muito real, ainda mais que o lugar não parecia ter espaço suficiente para se puxar uma corda.

No final, ficaram cento e vinte e quatro pessoas para cada lado e em pouco tempo ambos os lados começaram a puxar. No início, todos estavam puxando o grande cabo de forma tímida, como se estivessem em uma festa infantil, onde fingiam participar apenas para não chatear as crianças, mas quando o primeiro puxão forte veio de um dos lados, o jogo finalmente havia começado. As pessoas começaram a gritar e a soltar seu lado competitivo e em pouco tempo começou a guerra. Mãos começavam a queimar, gritos estouravam no ar e palavrões corriam soltos, até que finalmente o lado em que Giulia estava ganhou, e todos do lado direito vibraram, com exceção obviamente de Vivian, que encarava suas mãos em choque.

- Nós ganhamos, Viv! – Giulia abraçou a amiga, animada.

- A que preço? Olhe para as nossas mãos!

Giulia viu a sua mão e realmente estava vermelha com alguns arranhões, mesmo assim a bela jovem de cabelos castanhos lisos apenas sorriu.

- Isso é.... – Antes mesmo que Giulia pudesse concluir a frase o chão da casa noturna começou a abrir novamente e dessa vez todo o lado esquerdo, onde o grupo perdedor estava, caiu chão abaixo, deixando aquele momento de alegria e descontração, mesmo entre estranhos, completamente aterrorizador, com gritos que também despencavam do chão. Tudo estava se transformando em um distorcido jogo de realidade, no qual ninguém sabia o que aconteceria em seguida.



## Capítulo 2

‘Vejo que vocês conseguiram vencer a primeira etapa da minha gincana’. A voz voltou a ecoar por toda a casa noturna. “Não fiquem tristes, os perdedores não estão mortos, pelo menos não por enquanto”. A voz voltou a desaparecer, deixando todos que ainda restavam ainda mais apavorados e furiosos, principalmente quando o holograma mostrou de novo um grande emoji - dessa vez, o que piscava com a língua de fora, como se o sádico dono dessas brincadeiras realmente estivesse aproveitando o show de algum lugar.

- Isso é uma merda. – Giulia falou por fim, irritada, arremessando um copo de vidro no chão, furiosa. – Obedecemos às regras desse louco e ainda pessoas desaparecem, o que esse filho da mãe quer?!

- Giu vamos tentar escapar.... – Vivian insistiu, puxando a amiga.

- Vivian, é sério, você não reparou que as portas estão trancadas, que o meu celular, como o de todos aqui está sem sinal? O que podemos fazer?!

O pânico começava a dominar Giulia, e ela não era uma garota de entrar em pânico com facilidade, mas ignorar o que estava para acontecer a deixava frustrada com o que poderia vir em seguida, e ela agora começava a se sentir cada vez mais sufocada naquele lugar fechado.

- Tem uma coisa aqui! – De repente, alguém em meio à multidão gritou. Giulia imediatamente se levantou e foi em direção do rapaz que segurava uma garrafa, dentro da qual parecia ter um bilhete enrolado em um plástico, flutuando na bebida. O rapaz abriu a pequena garrafa e entregou o diminuto bilhete para Giulia.

- “Parabéns por continuarem. Dividam-se em dois grupos novamente e dessa vez vamos jogar queimada, todos conhecem as regras, não é? Que o jogo comece”. – Giulia leu com raiva e virou novamente a folha; sem qualquer entusiasmo, viu outro emoji, dessa vez com o sorriso com dentes. Que tipo de pessoa depravada se divertia com o desespero dos outros? Era tudo muito inocente, muito feliz, isso se você ignorasse as pessoas coladas na parede, as pessoas sendo engolidas pelo chão e, obviamente, a casa noturna completamente destruída por pessoas desesperadas e gosma que ninguém se atrevia a perguntar qual era a composição. – Grande, mais um jogo...

- O que foi? Você não disse que tínhamos que participar?! – Uma pessoa do grupo acusou Giulia.

- Isso foi antes de perceber que não adianta nada! Quem perder vai ser engolido e ele vai engolir cada um de nós até não ter mais ninguém para ser engolido!

- Então simplesmente vamos ser engolidos agora?! – A garota acusou Giulia. – Sem fazer qualquer coisa?!

A briga logo começou a escalar, as pessoas começavam a discutir, cada um escolhendo um lado, quem queria continuar com as ‘brincadeiras’ e quem já estava cansado de tudo aquilo, mas, sem exceção, todos estavam enraivecidos, assustados e frustrados.

- VOCÊS QUEREM PARAR! – Uma garota gritou tão alto que fez todos se silenciarem em menos de um segundo. Era uma das garotas que estavam coladas contra a parede, recheada de gosma verde por todo seu corpo, mal dando para ver seus olhos castanhos. – Apenas façam o que essa pessoa quer, eu quero ir para casa! – A chorosa menina quase implorava. – Estou cansada!

Giulia bufou e acabou acatando, principalmente quando uma bola, de súbito, caiu do teto, quase batendo na sua cabeça. Aquilo já estava mais do que bizarro; se ela fosse a única pessoa naquela brincadeira, com certeza já teria desistido de toda aquela palhaçada. Antes de continuar com toda aquela loucura, ela encarou mais uma vez o celular, na esperança de ver pelo menos uma única barra de sinal, mas não havia nada, nem mesmo chamadas de emergência o seu celular parecia estar disposto a fazer, e ela se perguntava como isso estava acontecendo, em plena Paris, a Cidade Luz!

As pessoas novamente se separaram em grupos e Vivian, como um cachorrinho assustado, seguiu Giulia para um deles. Ninguém realmente se aproximava de ninguém. Na verdade, os times não eram unidos, era mais cada um por si. Isso porque amigos mesmo eram aqueles que haviam chegado juntos na balada. Esse descompromisso transformava o jogo em uma bagunça.

Mesmo pertencendo ao mesmo 'time' que outras pessoas, todos acabavam protegendo primeiro a sua roda de amigos, sem se importar muito se realmente perdiam ou ganhavam, desde que eles "ganhassem".

O jogo começou com um grande homem arremessando a bola da queimada em Vivian, que recebeu a bolada na cara, mudando a cor do seu rosto de branco para vermelho, fazendo brotar lágrimas e pânico na jovem ruiva de olhos azuis. Giulia ficou irritada, pegou a bola de queimada e logo queimou a pessoa que queimou sua amiga. O jogo tornou-se uma espécie de pequenos joguinhos de vingança, pessoas queimando quem queimava seus amigos. Era quase inacreditável que as pessoas não se comunicavam dentro do time. O jogo demorou quase uma hora para acabar, mas mesmo assim, o time de Giulia venceu. Mais uma vez, os perdedores caíram chão abaixo, quase de imediato.

Das cento e vinte e quatro pessoas 'livres', agora a casa noturna dispunha apenas de sessenta e duas. Ninguém sabia o que estava acontecendo e porquê, tudo estava caótico. Aquela noite estava se transformando de uma noite divertida para uma noite caótica e até assustadora. Todos se perguntavam o que aconteceria em seguida.

Quase como se a pessoa que estava fazendo aqueles jogos psicológicos estivesse assistindo a tudo, a voz voltou a surgir, no momento em que metade das pessoas desapareceram chão abaixo.

"Muito bem, agora restam apenas alguns jogos para vocês finalmente ficarem livres. Boa sorte. O próximo bilhete irá surgir em 3, 2, 1..."

- Cuidado! – Uma pessoa gritou e uma pedra vinda de cima caiu no chão, quase batendo na cabeça de algum desavisado, que teve que rodopiar para fugir da pedra.

- Vá à merda! – Giulia gritou, para a voz que havia desaparecido. Dessa vez, era o emoji de 'beijo', fazendo a boate, de novo escura, voltar a se iluminar quase em seguida. Obviamente aquilo já havia virado uma gincana de muito mal gosto. – Cansei. – Giulia jogou a pedra para longe e começou a ir para as portas. Não estava com a menor vontade de continuar a seguir as regras do jogo, iria sair daquele lugar, não estava mais aguentando ficar presa daquele jeito.

Giulia foi para trás do balcão e pegou tudo que podia encontrar para tentar forçar a porta, achou até uma grande barra de metal, chamou mais algumas pessoas, tão frustradas e irritadas quanto ela, para conseguir forçar a saída. Mesmo assim, nem com a força de todas as vinte pessoas a porta se mexia; era como se ela tivesse sido lacrada. Frustradas, as pessoas começaram a gritar e a empurrar umas às outras, fazendo Giulia quase ser cuspidada para fora da

pequena multidão enraivecida. Quando as pessoas começaram a forçar a porta novamente, algo vermelho começou a escorrer pela porta travada, e aquelas que tinham seus corpos pressionados contra a porta logo começaram a ficar coladas nela, igual às pessoas que estavam coladas na parede. A única diferença era que essas poucas pessoas pareciam monstros vermelhos e não verdes.

Era oficial, a pessoa que estava planejando tudo aquilo definitivamente estava observando aquele lugar. Ou pior, poderia ser uma das pessoas que ainda estavam na casa noturna.

- Viv, quero que você fique o tempo todo ao meu lado. – Giulia se aproximou da amiga, que parecia tremer em pavor. – Eu tenho certeza que é alguém daqui. – Acrescentou. Não tinha outra explicação.

- Você tem certeza, Giu?

- Tem que ser, não tem como a pessoa nos observar de longe, todas as câmeras parecem estar desligadas. – A observadora vendedora comentou, para a amiga, apontando para as câmeras de segurança; ela sabia que aquelas câmeras não estavam funcionando, a loja na qual ela trabalhava tinha o mesmo tipo de câmera e todas precisavam ter pelo menos uma pequena luz vermelha para mostrar que estavam operantes e aquelas não tinham qualquer sinal de vida. A única explicação, caso não fosse alguém de dentro da boate, era se houvesse alguma câmera escondida, mas Giulia não estava nem um pouco disposta a procurar câmeras escondidas, naquele momento.

- Quem você acha que é? – Vivian perguntou, em um sussurro. – Acha que pode ser Gerard? Afinal, o bilhete foi achado na garrafa do bar...

- Não... – Giulia não foi muito convincente em sua resposta, mas era um ponto interessante que Vivian havia levantado. Sinceramente, não queria acreditar que Gerard era o culpado, afinal sempre batia bons papos com ele quando ia para aquela boate, sem contar que ele não fazia o tipo lunático. Giulia começou a procurar por Gerard, talvez se conversasse com ele, pudesse esclarecer suas próprias dúvidas, mas quando tentou achá-lo em meio às pessoas, não conseguiu. Será que ele tinha caído?

- Acho melhor seguirmos as regras. – Uma mulher de cabelos pretos encaracolados veio em direção a Giulia e entregou a pequena pedra com a qual ela havia sido arremessada para longe.

- E por quê?

- Se continuar desse jeito, você vai ser a próxima a cair, lembra daquele grandão?

Frustrada, a jovem de cabelos castanhos pegou a pedra e desenrolou o bilhete.

- “Novamente, para quem ainda está de pé, meus parabéns. Vamos para mais um divertido jogo; agora, iremos brincar de esconde-esconde, claro que não do jeito tradicional. Mais uma vez, dividam-se em dois times, decidam quem vai se esconder e quem vai achar - o jogo começa assim que a música começar a tocar e se encerra na quinta música. Que vença melhor time, boa sorte”. – Giulia bufou, ainda mais quando viu o emoji de festa que estava impresso do outro lado da folha.

- Muito bem, como vamos dividir isso? – Giulia perguntou, ao ver que restavam cinquenta e sete pessoas, um número ímpar. – Não dá mais para montar dois grupos iguais.

- Podemos tirar pedra, papel e tesoura. – Sugeriu um garoto de cabelos raspados - todos o encararam com fúria. – O que foi? É melhor do que começar

uma discussão, todos estão tão tensos, mas na hora de jogar está todo mundo se divertindo.

- Fale por você! – Um homem que estava preso na parede, desde o começo daquela brincadeira, falou, irritado.

- Chega, calem a boca! – Giulia gritou, prendendo o cabelo em um coque improvisado. – Vamos fazer o seguinte, um sorteio; coloquem todos o seu nome em um saquinho e a pessoa cujo nome for chamado poderá decidir em que time quer ficar, ou no de esconder ou no de procurar.

Todos acabaram concordando, cada pessoa escreveu seu nome e uma letra do sobrenome em um pedaço de guardanapo e colocou em um pequeno copo do bar.

Vivian se aproximou do copo e pegou um dos papéis.

- Giulia V. – Giulia ficou surpresa quando a sua amiga falou seu nome.

- Giu, você ainda vai ficar comigo, não é? – Viv sussurrou.

- Claro que eu vou escolher o seu time. – Garantiu a amiga. – Muito bem, vamos dividir os grupos....

- Acho melhor fazer sorteio também para o resto do time. – Um homem de longa barba sugeriu. – Tudo está ficando muito desigual, se continuar desse jeito, ninguém mais vai ter qualquer chance.

Giulia suspirou e acabou concordando com o homem - era melhor assim, ela já estava cansada de discutir.

Vivian começou a chamar nome por nome. O primeiro nome foi de um tal de Travor, que foi para o time de se esconder, em seguida foi Apolline, que foi para “procurar”, em seguida Marie, depois Raul, e os nomes foram saindo; o nome de Vivian apareceu no meio de toda aquela chamada e ela foi para o grupo de procurar. Isso deixou a menina completamente aterrorizada e sua bochecha vermelha ficou ainda mais à mostra. Giulia começava a se sentir culpada por ter trazido a amiga para uma noitada.

Com os nomes distribuídos, Giulia foi para o grupo de “procurar,” onde estava Vivian e, como se o louco ‘infantiloide’ por trás de tudo aquilo soubesse a hora exata de começar a música, esta começou a tocar por toda a casa noturna e o jogo se iniciou.

A verdade é que todo o jogo havia sido um pouco injusto e barulhento, afinal, algumas das pessoas grudadas na parede logo começaram a dedurar onde as pessoas estavam se escondendo, enquanto outras as xingavam por estarem fazendo tal coisa. Assim, o lugar se tornou tão barulhento que foram necessárias pausas na discussão, para que as pessoas percebessem que a quinta música já estava na metade e mesmo com quase todo o grupo de pessoas escondidas já tendo sido “achadas,” o grupo de “busca” ainda procurava desesperadamente uma menina que havia se escondido extremamente bem. A garota, conhecida como Antonielle, parecia ter desaparecido no chão junto com todas as outras, de tão boa que era em se esconder. Ninguém sabia onde ela estava; nem mesmo as pessoas coladas na parede conseguiram dedurá-la, pois a tinham perdido de vista.

- Nós vamos ser engolidas. – Vivian segurou o braço da amiga, que continuava a procurar a garota com garra, não iria desistir, mesmo com seus pés doloridos - aquelas botas não serviam para fazer ginástica, mas Giulia não estava pronta para desistir, não gostava de desistir. – Giu, e se...

- Quieta! – Giulia exigiu, ao ouvir alguma coisa que parecia ser um barulho, e logo correu na direção atrás da escadaria. Não tinha nada, até que o

último refrão da música começou a tocar e quando terminou, finalmente a jovem de longos cabelos loiros platinados apareceu de dentro do armário do bar, comemorando a vitória, junto com todos do seu grupo, que correram ao seu encontro para abraçá-la. Nesse mesmo instante de euforia, novamente, o chão se abriu, fazendo todo o grupo vencedor desaparecer. Isso já era uma piada, o homem seguia as próprias regras. – Que merda?!

“Desculpem”. A voz reapareceu, agora um pouco menos grossa e um pouco mais fina; parecia que o dono da voz era uma mulher, o que deixava as coisas ainda mais difíceis e grotescas.

“Receio que o grupo comemorou antes da hora, afinal, seria injusto considerá-los vencedores, pois a maioria das pessoas já havia sido encontrada, não acham? Meus parabéns, mais uma vez, ao grupo de pé. Estamos próximos de saber quem será o grande vencedor, então, vamos continuar, essa é uma das últimas brincadeiras, eu prometo, se não a última”. A voz desapareceu e logo em seguida o emoji piscando apareceu e sumiu em segundos.

- Pelo menos ele foi justo. – Michel M. um dos garotos do time comentou aliviado.

- Justo? Se você estivesse no outro time, duvido que falaria isso!

Outra briga engatava e a maioria das pessoas já estava cansada de ouvir sempre a mesma ladainha.

- Calem a boca! Onde está a nova mensagem? – Giulia gritou, usando sua última força, fazendo com que todos a encarassem; era como se Giulia tivesse se tornado a líder “silenciosa” daquele grupo.

Como se alguém tivesse escutado o pedido de Giulia, uma pessoa dentre todas começou a ler o papel.

- “Com essa brincadeira, é preciso que dez pessoas sejam vencedoras, ou ninguém será vencedor – não pode nove ou oito. Será cada um por si, ou melhor, cada um por dez. Nessa brincadeira, dez terão de ser premiados com o desconhecido, enquanto os outros cairão no desespero. Lembrem-se, os dez terão de ganhar, senão ninguém ganha. Espero que gostem de galinhas e livros”.

- Todos se entreolharam não entendendo o bilhete. – Atrás dele, estava o emoji de dúvida.

Repentinamente, a música do “Old MacDonald Had a Farm”, começou a tocar e milhares de galinhas começaram a cair do teto. Todos começaram a gritar, sem entender o que estava acontecendo e corriam, apavorados, um para cada lado, tão desorientados quanto as galinhas. Se não fosse tão bizarra a situação, elas estariam rindo.

- Giu, aquela galinha tem algo amarrado no pescoço. – Vivian apontou e imediatamente Giulia correu para tentar pegar a galinha branca, que corria assustada por toda a casa noturna.

Giulia não conseguia pegar a galinha, tropeçou, bateu o joelho, as costas e rasgou seu vestido, até finalmente conseguir pegar o bicho. Havia um pano enrolado na galinha, com apenas uma palavra: “Errou”.

Vivian e Giulia entreolharam-se sem entender o que estava acontecendo, apenas quando um garoto pegou uma galinha e escondeu o pano em seu bolso, elas entenderam que algumas galinhas tinham panos que os “salvariam”.

As duas voltaram a correr atrás dos milhares de galinhas, mas não conseguiam pegar nenhuma, era quase impossível, com pessoas empurrando umas às outras, caindo no chão e levando-as ao desespero. Parecendo até uma arena de mata-mata.

Finalmente, no final da última música, uma melodia da porcaria do Barney e seus amigos, Giulia conseguiu pegar uma das galinhas com pano azul, dessa vez estava escrito: “Parabéns. Livro: ‘O pequeno Príncipe’”.

Quando enfim achou que ela ou Vivian estavam salvas, a música se encerrou. Todos começaram a olhar para um lado e para outro, e antes mesmo que soubessem se dez pessoas haviam vencido, a voz assustadora apareceu novamente.

“Infelizmente, dez não encontraram, portanto, ninguém ganhou. Dessa forma, por hora, é um adeus”.

Todo o chão da casa noturna se abriu e antes mesmo que Giulia pudesse entender o que estava acontecendo, sentiu seu corpo desabar chão abaixo, sem qualquer rumo e percebendo, em meio à queda, que aquele era seu fim.

### Capítulo 3

- Giu, Giulia, acorda! – De repente, Giulia levantou, em pânico, e ficou aliviada ao ver que sua amiga Vivian estava ao seu lado, mas seu alívio logo se transformou em pânico ao perceber que as duas estavam presas em uma pequena e apertada cela de metal, sem qualquer decoração, com apenas uma pequena janela que parecia com aquelas das celas do xadrez – um único detalhe a diferenciava de uma cela de segurança máxima: o chão, completamente estofado, fazendo com que parecesse mais um quarto de manicômio do que uma prisão.

- Onde nós estamos? – Giulia perguntou, tirando seus longos cabelos castanhos de cima de seus olhos verdes, que já tentavam encontrar algum lugar de fuga. Ela queria evitar a sensação de que as paredes começassem a se fechar nela mesma.

- Não faço a menor ideia. – Vivian respondeu, encolhendo-se no canto da parede e afastando as poucas galinhas que haviam caído junto com as garotas naquela pequena cela.

O quarto já era pequeno demais para qualquer pessoa, dividi-lo com algumas galinhas o tornava ainda menor, principalmente com as grandes e firmes paredes de metal e uma enorme porta de presídio, com apenas um pequeno visor, trancado. Isso deixava o quarto muito mais abafado e o chão estofado branco fazia com que a pequena cela parecesse querer esmagá-las.

- Onde está todo mundo? – Giulia continuou a perguntar, sentindo o desespero em sua voz e o seu corpo automaticamente começar a procurar alguma fonte de ar naquele lugar apertado. Giulia não suportava lugares pequenos e apertados, principalmente um que parecia mais uma caixa, que não tinha qualquer sinal de ventilação e com galinhas roubando o pouco ar que lhes restava.

Vivian não respondeu, apenas começou a abraçar os joelhos, já suando frio de estar em um lugar tão reduzido. Ela também odiava lugares sem qualquer fonte de ventilação ou saída, mas estava fraca e amedrontada demais para conseguir se movimentar.

- Isso não vai dar certo. – Giulia falou, irritada por estar naquele pequeno ambiente, ainda mais hermético que a casa noturna subterrânea. Buscava qualquer coisa que a fizesse sentir algum ar e mesmo com um pequeno visor na porta, este estava trancado, dando a impressão de que elas iriam sufocar ainda mais rápido, causando mais desespero. – A gente precisa sair daqui...

Giulia começava a entrar em pânico, batendo nas grossas paredes, tentando achar uma solução, mesmo sabendo que a parede simplesmente não iria se abrir.

- Você está com medo, Giu...? – Vivian perguntou, já ofegante naquela situação, ficando ainda mais apreensiva vendo a rebelde e confiante amiga sua ficar assustada.

Giulia se virou para a amiga que tremia e mal conseguia se levantar do seu pequeno canto. Ela não podia sucumbir às mesmas emoções que a amiga, ela sabia que Vivian estava prestes a ter um ataque de pânico, assim como ela, mas Giulia não podia deixar isso acontecer, pelo menos não por enquanto.

Precisava achar um jeito de sair de lá. Como será que ela podia pensar, quando sentia o ar começar a desaparecer de seus pulmões e as paredes

pareciam querer espremê-la ainda mais? Ela definitivamente deveria ter seguido o conselho de Vivian e ter ficado em casa assistindo a um filme, e não ir parar naquele lugar, mas pela primeira vez, sua amiga topou sair, não tinha como ela não aproveitar a oportunidade.

- Vai ficar tudo bem, Viv. – Giulia tentou garantir, mas ela tentava garantir mais para si mesma do que para a amiga.

- Como?! – Vivian começou a deixar o desespero dominá-la. – Olha à sua volta, olha onde nós estamos, com quem estamos! – Giulia viu as galinhas começando a tentar perfurar o chão estofado com seus bicos. – E olha para minha cara! – Giulia não pode evitar de ver o enorme roxo na bochecha da amiga, brinde do jogo de queimada. – E olha para suas costas!

Giulia parou por um momento sem saber o que fazer, pois não sentia nada em suas costas. Vivian, frustrada, levantou-se e mesmo com uma certa dificuldade e com as mãos trêmulas, pegou o pequeno celular de seu bolso e tirou uma foto das costas da amiga e o entregou a ela para que visse. O vestido de Giulia estava completamente rasgado, deixando à mostra grande parte da tatuagem de dragão nas costas, que agora estava misturada com alguns pequenos arranhões e hematomas, devido à todas as confusões da noite, mas principalmente com o jogo da galinha.

- Satisfeita, agora?! – Vivian arrancou o celular da amiga. – Não apenas você está machucada, como agora possivelmente vamos morrer pelas mãos de um psicopata! Tudo isso porque você tinha que me tirar de casa! – Vivian estava completamente estressada e finalmente deixando seu pânico começar a falar mais alto; era um milagre ela não ter surtado até aquele momento, naquela bizarra noite.

- Agora tudo é culpa minha?! – Giulia foi logo para o ataque, como uma maneira de autodefesa e começando a entrar em pânico junto com a amiga, principalmente porque ela estava em um lugar fechado e ela odiava ficar em lugares apertados, mal conseguia respirar em lugares assim. – Se me lembro bem, você pediu para vir nesse lugar específico, se fosse para sair de casa! Eu estava tentado te entreter, você vive na sua bolha de covardia!

- Agora estamos em uma bolha de verdade, não é mesmo?! – Vivian começava a ficar tão sem ar quanto sua melhor amiga e as duas já começavam a estar além do pânico. – Você sabe como é passar a noite inteira à beira de um colapso?!

- Bom, agora você deve estar feliz, porque eu estou tendo um colapso! – Giulia bufou - estava prestes a ter um colapso nervoso, sua respiração começava a ficar profunda, todo seu corpo começava a suar frio e sua visão começava a embaçar - logo iria desmaiar se continuasse naquele lugar. – ME TIRA DAQUI! – Giulia gritou batendo na porta de metal com toda a força possível.

- Do que vai adiantar ficar batendo na droga dessa porta? – Vivian, tão apavorada quanto a amiga, começou a socar a porta, também sentindo a necessidade de respirar; as duas entraram em pânico total e foi quando, em meio à gritaria e ao desespero, a porta, como em um passe de mágica, abriu-se, surpreendendo as duas e fazendo-as imediatamente pular porta afora, como se realmente estivessem prestes a ser sufocadas dentro daquela pequena cela chumbada.

As duas caíram aliviadas no chão, com algumas galinhas sobre elas. As amigas, completamente apavoradas com toda aquela situação e profundamente gratas de estarem fora daquele quarto, se entreolharam, deitadas no chão, e



começaram a rir uma da cara da outra, ao ver que ambas estavam dominadas pelas galinhas que dividiam a cela com elas.

- Estamos fora... – Giulia falou, confortada, quase chorando.

- É, mas não estamos em um lugar muito melhor...

Giulia levantou o olhar e notou que elas estavam em um estreito corredor oval chumbado, com paredes cinza, “decorado” com algumas luzes de fioção solta penduradas no teto e várias portas de chumbo em ambos os lados da parede. Parecia que agora elas estavam em uma espécie de prisão subterrânea, misturada com um complexo labirinto oval.

- Olá, tem alguém aí?! – Vozes começaram a aparecer por de trás de cada uma das portas chumbadas. – Por favor, tire-nos daqui! – As vozes continuavam desesperadas.

- Esperem um pouco! – Giulia imediatamente respondeu, levantando-se e tirando as galinhas de cima de si. – Vamos tentar achar um jeito de tirá-los daí.

- Rápido, não aguento mais ficar aqui! – Uma das vozes falou e logo em seguida ouviu-se um cacarejo, vindo do outro lado da porta - pelo visto, as outras celas também haviam recebido galinhas.

Giulia imediatamente tentou chutar uma das portas, mas obviamente a porta nem ao menos se movimentou, elas tinham travas automáticas e apenas chutá-las e socá-las não iria adiantar. Deveria haver alguma sala de comando do lugar, que precisavam achar, ou, se não a achassem, pelo menos poderiam achar a saída e chamar a polícia, para soltar todo mundo. Era um alívio incrível saber que todos ainda estavam vivos.

- Nós vamos tentar achar um jeito de abrir, aguentem mais um pouco! – Giulia gritou. – Vamos, Viv, vamos tentar achar um jeito de soltá-los....

- Mas....

- Viv, por favor, vamos logo, eu só quero sair daqui. Todos querem sair desse inferno!

Vivian, ainda paralisada com o medo, resolveu que o melhor era seguir a amiga, afinal, não iria gostar de ficar sozinha em um corredor tão apertado com vozes de pessoas desesperadas e cacarejos ensurdecidos.

As duas começaram a correr às cegas, mas por mais que elas corressem, não pareciam sair do lugar. Corriam e corriam e não achavam uma única abertura e quando voltaram para a porta de sua cela aberta, tiveram a confirmação de que elas literalmente estavam correndo em círculos. Aquele lugar não era normal e a sensação de aprisionamento e falta de ar logo começava a transparecer nas garotas, que começavam, aos poucos, a entrar em pânico novamente.

- Vamos morrer aqui! – Vivian falou, desesperada. – Eu te falei que sair de casa era perigoso!

- Ah, jura?! Então tudo é culpa minha?

- Sim, é! – Vivian empurrou a amiga, as duas voltaram a discutir, mas dessa vez a discussão escalou para uma verdadeira briga, de rolar no chão, tapas e puxões de cabelo sendo os astros principais daquele embate.

Vozes incógnitas, vindo das portas trancadas, começavam a questionar o que estava acontecendo e porque apenas ouviam gritos de irritação e briga; as galinhas começavam a correr e a cacarejar, assustadas. Ninguém, por trás daquelas portas conseguia fazer as duas amigas pararem de brigar.

Todos só queriam sair daquele lugar e estavam dependendo das únicas pessoas soltas por ali, que podiam ser sua única esperança, e elas brigavam como gato e rato.

Giulia e Vivian se estapeavam e puxavam o cabelo uma da outra, até finalmente caírem no chão e, de algum modo, voltarem para dentro da cela acolchoada. No auge da briga, Giulia sentiu sua cabeça afundar em meio a alguma coisa no chão estofado, como se fosse uma falha desnecessária.

Giulia repentinamente parou de brigar - foi quando recebeu um tapa direto de Vivian, em seu olho direito.

- Mas que merda Viv! – Giulia gritou, empurrando a amiga com força, forçando-a para longe de si. – Tem limite.

- Limite, olha onde nós....

- Cala a boca e me ajuda! – Giulia esbravejou e foi quando Vivian começou a se aproximar de onde a amiga estava apontando, em meio ao chão acolchoado, foi quando as duas viram uma pequena fechadura digital, mas ao invés de números, os pequenos botões para colocar a senha eram emojis - a maioria dos emojis encontrados em qualquer celular. As duas reconheceram os pequenos emojis que a amedrontaram durante a noite, como o rostinho feliz, o rostinho zangado, o festeiro e até o de língua de fora, todos que haviam aparecido durante a noite, estavam misturados com todos os outros.

- Meu D'us, não acredito, isso pode ser onde o filho da mãe se esconde! – Giulia comentou. – Mas a senha... Merda... – Ela parou por alguns segundos e soube quase de imediato que a senha eram os emojis que haviam aparecido durante a noite, mas ela também sabia que não conseguia lembrar de todos, muito menos a ordem em que eles haviam aparecido; basicamente, elas estavam ferradas. – Merda!

- O que? – Vivian perguntou.

- A senha, são os emojis da noite. – Giulia falou para a amiga, que ficou em choque. – Por algum acaso você se lembra dos emojis que apareceram durante a noite, Viv?

Vivian pausou por um breve momento, tentando se lembrar da noite e da ordem em que viu os emojis aparecerem, mas não parecia saber a ordem, apenas lembrava de alguns que havia visto.

- Tinha acho que o de piscar, o irritado... Não lembro muito dos outros... Talvez o tímido... não tenho certeza.

Giulia, concentrada em outra coisa que não o lugar apertado, começou a ir em direção ao corredor; teria que perguntar às pessoas que estavam com elas, na casa noturna.

- Muito bem pessoal, achamos uma pista de como sair daqui! – Giulia gritou, animando todo mundo atrás das portas, que gritava em animação. – Muito bem, quietos, e me escutem! – Giulia berrou. – Quero saber se tem alguém aqui que lembra exatamente quais os emojis que apareceram durante essa noite?!

Antes mesmo de Giulia conseguir terminar a frase, pessoas começavam a jogar ideias de emojis aleatórias, ninguém realmente conseguia se lembrar qual emoji aparecia no andar de cima. Estavam tão preocupados com aquela situação, que os emojis haviam ficado em segundo plano para todos na casa noturna.

- Muito bem, todos, calem a boca! – Giulia gritou, não aguentava mais ouvir tudo aquilo. – Vamos começar do início, quem achou a primeira carta?! Alguém aqui estava no banheiro, na primeira carta?!

Giulia começou a correr pelo local, repetindo a mesma pergunta, sobre quem havia achado o primeiro bilhete. Foi quando uma voz no meio de todo mundo apareceu.

- Eu achei! – Uma voz fina e feminina ressoou no lugar fechado.

- Graças a D'us. – Giulia parou de correr e ficou estanque, em meio a tantas portas, sem saber exatamente de onde estava vindo a voz. – Muito bem, você se lembra qual era o emoji que estava impresso atrás do papel que vimos no banheiro?

A voz desapareceu e os cacarejos das galinhas por de trás das celas dominou o lugar, deixando Giulia novamente apreensiva com a situação e sentindo novamente falta de ar.

- Ah, claro, era o emoji de risos. – A voz fina por de trás de uma das portas respondeu.

- Tem certeza?

- Tenho, porque eu também uso o mesmo emoji para rir nas minhas mensagens.

- Valeu. – Giulia pegou seu celular e marcou a informação no seu bloco de notas. – Ótimo! Viv! – Giulia gritou.

- Não precisa gritar, estou atrás de você.

Giulia gritou novamente ao levar um susto com a proximidade da amiga.

- Você pegou a segunda carta, tem certeza que não lembra qual era?

A ruiva ficou em silêncio por um breve momento, tentando lembrar de todos os acontecimentos daquela noite, desde as pessoas começando a ficar grudadas na parede até as pessoas caindo do chão - foi quando ela começou a recordar. O emoji irritado do qual ela se recordava, vinha logo após alguém ter discordado do maluco, então, o emoji antes, quando a primeira gincana foi anunciada, foi...

- O punho, claro, já que era cabo de guerra...

- Claro, então o segundo era o punho, o terceiro era...

- O irritado, quando alguém discordou de brincar.

- Isso, tem razão. – Giulia finalmente estava vendo uma luz no fim do túnel de tudo aquilo, principalmente ao descobrir que ninguém estava morto, após cair do chão da boate. – Alguém se lembra do 4º emoji da noite?!

- Era o piscando com a língua! – Uma voz surgiu em meio às portas. – Tenho certeza.

- Verdade, era como se o desgraçado continuasse a querer brincar com a gente. – Outra voz concordou, fazendo Giulia logo anotar. – Alguém lembra do próximo?!

O silêncio tomou conta do lugar. Todos começaram a sussurrar um com os outros, tentando lembrar, mas ao mesmo tempo começavam a questionar o porquê daquelas perguntas. Achando que isso se parecia muito com uma gincana do maluco que os havia prendido naquele lugar.

- Olha, eu não tenho tempo de explicar, só sei que preciso da ordem dos emojis! – Giulia falou, irritada, ao perceber a desconfiança de todos. – Só quero ajudar, afinal, eu também quero dar o fora daqui tanto quanto vocês! Porque acredite, se eu fosse esse filho da mãe, já teria matado todos vocês por apenas ficarem enrolando. Agora, me falem, alguém lembra da porcaria do próximo emoji?!

- O com sorriso com dentes. – Uma voz contrariada e quase inaudível apareceu, em meio à multidão e aos cacarejos. – Esse é um emoji que eu nunca

mais vou usar, foi logo antes de a gente perder o jogo de queimada e eu ficar trancado nessa merda de lugar.

- O próximo emoji era.... – A lembrança de Giulia veio quase imediatamente, puxando pela ordem cronológica da terrível noite. – O do beijo... – Ela deduziu, ao lembrar que simplesmente estava furiosa de ter que continuar a seguir as regras do homem louco do emoji, que fez desaparecer metade das pessoas da balada, mesmo após todos seguirem suas regras idiotas.

– Agora, qual era o próximo.... – Giulia tinha certeza que ela havia lido a maioria dos bilhetes e não conseguia se lembrar da porcaria das imagens sorridentes; foi quando se recordou: o de festa, claro. Rapidamente, anotou. – Agora, o penúltimo... Alguém se lembra do emoji que apareceu depois da festa?! – Giulia voltou a gritar e imediatamente um coro pequeno respondeu.

- Piscando normal!

Giulia imediatamente anotou em seu bloco de notas, agora, só faltava o último emoji, só mais um para descobrir quem os havia trancado naquele lugar, ou melhor, finalmente poderiam sair daquele lugar espelunca.

- O último, alguém se lembra?! – Giulia perguntou e o silêncio voltou a dominar o lugar, com exceção do barulho de galinhas. – ALGUÉM?! O garoto que leu o último bilhete?! Olá?! – Giulia voltou a correr pelo corredor tentando achar alguém que se lembrava; foi quando alguém gritou.

- O de dúvida! – A mesma voz que leu o bilhete gritou, deixando Giulia animada, ela anotou e mesmo com botas de salto alto e vestido rasgado, logo voltou a correr pelo lugar. Ao voltar para onde tinha achado a trava de segurança, com emojis na fechadura, começou a pressionar cada um dos emojis que havia escrito no celular, mas assim que pressionou o último emoji do teclado, percebeu que faltava um emoji para concluir a combinação.

- Merda. Vou testar todos, um de cada vez.

- Espera, Giu! – Vivian apareceu, segurou ombro da amiga, afastando-a. – E se alguém nos trancar aqui novamente, ou pior, acionar algo que....

- Então, o que sugere! Ficarmos aqui para sempre?! – Giulia já estava cansada daquela noite.

- Termine com o do tchau com mãozinhas.

Giulia encarou a amiga, com estranheza.

- Foi o último emoji que apareceu antes de nós cairmos, eu consegui ver, enquanto despencava. – Vivian explicou.

Giulia, sem saber o que fazer, confiou na amiga e apertou no emoji de mãozinhas - assim que o fez, a porta escancarada de sua cela voltou a se fechar, mas antes que as duas entrassem em pânico completo de novo, uma grande porta abriu-se na frente, deixando uma das galinhas cair breu abaixo, abrindo passagem para as duas amigas no que parecia ser um porão escuro. Só conseguiam enxergar um pequeno degrau de uma escada, que dava passagem para um lugar ainda mais profundo. Agora, aquela era a única direção para onde elas poderiam ir.

Era como se elas, finalmente, estivessem a caminho para conhecer o chefe do jogo. Porém, ao contrário do jogo, cada uma só tinha uma única vida e não poderiam recomeçar, a esperança era que isso fosse apenas uma grande brincadeira de mau gosto.

## Capítulo 4

Vivian, apreensiva com tudo que estava acontecendo, tentou segurar sua amiga, com medo que ela descesse as escadas para o porão escuro, mas a determinada e ousada Giulia já estava cansada daquela longa noite e, principalmente, daquelas enormes brincadeiras sem sentido. Apressou-se então a descer as estreitas escadas de madeira - assim que colocou o primeiro pé no primeiro degrau da escada, luzes se acenderam no porão, dando visão a um estranho e bizarro quarto, quase tão bizarro quanto a noite que tiveram.

O lugar subterrâneo parecia uma pequena cápsula redonda estofada, com paredes acolchoadas, recheadas de monitores espalhados por todo o porão e cada monitor mostrava pelo menos oito câmeras diferentes.

Todas as imagens que passavam eram de lugares diferentes da casa noturna. Os monitores mostravam cada parte da casa noturna; até mesmo nos banheiros, dentro dos boxes, havia câmeras.

Tudo era bizarro naquele quarto, não apenas pelos inúmeros monitores e nem pelo grande painel em frente às grandes telas de TV, que parecia controlar toda a casa noturna, mas o que mais chamava a atenção, era que o porão inteiro era recheado com almofadas de emojis e o painel não tinha qualquer letra ou número nos botões, era tudo à base de emojis; parecia até um quarto secreto de uma criança de oito anos.

Giulia se dirigiu para o painel e começou a ver os pequenos botões em desenho, alguns tinham os emojis, provavelmente apenas o controlador sabia como desligar tudo ou mexer naquilo. Giulia não sabia nem ao menos por onde começar. Com os olhos, ela tentava achar alguma pista, mas ao começar a procurar, percebeu uma garrafa aberta, em cima do painel - alguém havia estado naquele lugar e pela bela garrafa de vodca, não era nenhuma criança.

- Viv, me ajuda, precisamos sair daqui. – Giulia pediu à amiga, que não respondeu.

- Sinto muito, Giu, ela não vai ajudar. – Repentinamente, Giulia se virou e o enorme barman, Gerard, aparecer ao lado de Vivian, segurando-a contra seu peito; imediatamente, sentiu o seu coração parar, junto com os cacarejos das galinhas, que, por algum motivo, pareciam acompanhar as batidas do seu coração.

- Gerard, era você? – Giulia ficou confusa.

- Eu...? – O homem esboçou um breve riso e soltou Vivian, fazendo a pouca cor que ainda restava em Giulia, desaparecer ainda mais – ela ficou branca como um fantasma.

- Viv? – Giulia cambaleou para trás, aterrorizada ao ver sua amiga, lado a lado com Gerard, com um leve sorriso em seu rosto.

- Finalmente, descobriu; demorou, Giu. – Vivian falou, calmamente, com um enorme suspiro de alívio. – Pensei que teria que desenhar para você entender.

- Por quê? – Giulia perguntou, instintivamente dando mais um passo para trás, enquanto a amiga dava um passo para frente.

- Por quê? POR QUÊ?! – Vivian pareceu irritada com a pergunta. – Sabe como é frustrante ser sua amiga? Ver você conseguir manter a calma nas mais esquisitas e assustadoras situações?! Tudo o que eu queria era que você

entendesse o meu desespero, se colocasse no MEU lugar para saber como eu me sinto toda vez que saio de casa, quando eu ando pelas ruas, até mesmo quando eu acordo! Você deveria ser minha amiga, você deveria saber como eu me sinto! Mas não insistindo sempre para eu sair, para eu fazer coisas, você nunca foi minha amiga! Por isso, queria transformar você em minha amiga de verdade!

- O quê? – Giulia encarou a amiga como se ela tivesse enlouquecido. – Eu só queria te ajudar.

- Me ajudar? Olha onde sua ajuda me levou.

- Você fez isso! – Giulia tentou colocar lógica nas palavras deturpadas da amiga.

- Teoricamente, fui eu quem fiz. – Gerard interveio na conversa, segurando a mão de Vivian.

- Seguindo direitinho os meus conhecimentos. – Vivian sorriu e apoiou sua cabeça no ombro de Gerard. – Ou esqueceu-se de quem é a engenheira aqui?

- Nunca, meu amor.

Giulia revirou os olhos diante daquela pequena demonstração de afeto bizarra entre os dois. Ela logo começou a pensar em um jeito de sair daquela situação. Mesmo se ela corresse em direção à escada, e conseguisse passar por Vivian, com certeza Gerard a barraria.

Foi quando a garota viu a garrafa de vodca; talvez ela pudesse usar a seu favor. Enquanto o improvável par se perdia em seus próprios afetos, com a idiota da galinha sobre seus pés, Giulia correu para o painel e derrubou o restante de vodca no painel, na esperança de fritar o sistema. Logo em seguida, arremessou a garrafa contra os dois ‘pombinhos’, fazendo-os desviar e Giulia correu para fora, sem nem mesmo esperar para ver que a vodca no painel havia funcionado como mágica - com esse único lance, o curto circuito fez o bizarro painel começar a pegar fogo.

Enquanto Gerard e Vivian ficavam preocupados em apagar as chamas, Giulia, assim como todos os outros agora soltos de suas celas, começaram a correr para fora daquele lugar, mas quando Giulia começava a sair do enorme porão, uma outra galinha surgiu em sua cara, fazendo a jovem de cabelos castanhos levar um enorme susto, tropeçar em seus próprios pés e cair no chão estofado.

Vivian se virou, assustada com a queda da amiga e por um momento esqueceu-se que o painel estava pegando fogo. Viu Giulia caída aos seus pés, com um enorme caco de vidro perfurando seu pescoço e sujando o antes chão branco e estofado, de vermelho.

- Giu? – Vivian virou-se para a amiga e ajoelhou-se ao seu lado. – Giu, fale comigo. – A ruiva pedia. Ela não queria que a amiga morresse. – Giulia! – Ela gritou, aos prantos, manchando seu moletom de sangue também. – Acorda!

- Vivian, se acalme, nós temos que sair daqui. – Gerard tentou tirar Vivian do corpo da amiga, mas a garota se debatia, chorando, desesperada. Não era a intenção que aquela noite matasse sua amiga, ela apenas queria que Giulia entendesse seus sentimentos de pânico, havia planejado tudo para que ninguém realmente se machucasse, não era para ninguém morrer. – Vamos, Vivian.

Gerard finalmente conseguiu tirar a ruiva de cima do corpo da amiga e começou a carregá-la escadas acima. Já do lado de fora, ele tirou o casaco de Vivian manchado de sangue e jogou para dentro do porão, fazendo-o queimar,

junto com o corpo da jovem vendedora, que agora estava completamente sem vida.

Vivian continuou imóvel e só conseguiu sair da casa noturna com a ajuda de Gerard, que a carregava pela multidão e se dirigia a uma das escadas que dava acesso à casa noturna acima deles. Graças à atitude de Giulia, ao queimar o sistema, todos haviam conseguido se liberar e por sorte o fogo ainda estava contido no porão abaixo.

O barman carregou Vivian, empurrando as pessoas na sua frente e chegando o mais rápido possível até seu carro preto, estacionado na porta da casa noturna, que aos poucos começava a pegar fogo. Mais e mais pessoas começavam a sair, desesperadas, de dentro da boate, com medo de serem queimadas.

Gerard e Vivian ficaram apavorados, não era para nada daquilo ter acontecido, eles apenas queriam que todos, principalmente Giulia, entendessem o sentimento de desespero que ela sentia todos os dias.

- Você não precisa se preocupar, não tem nada naquele lugar que mostre que você é a dona ou que temos qualquer coisa relacionada a tudo isso... – Gerard tentava acalmar Vivian e a si mesmo, nunca imaginou que aquela noite terminaria com um incêndio, com uma morte.

As imagens de Giulia ainda não saíam da cabeça de Vivian; completamente sem vida, sendo queimada pelas chamas.

- Eu a matei...

- Foi um acidente, Vivian.

- Eu a matei. – Ela repetiu. – Eu a matei!

Vivian começou a bater em Gerard tentando jogar todas as suas frustrações no homem. Ela não queria que ninguém morresse, aquele não era o plano, o plano era deixar todos com medo, apavorados, principalmente Giulia que sempre parecia ser tão forte e segura de si, mostrar para ela que o mundo era um lugar realmente perigoso. Não queria que sua melhor e única amiga morresse. Essa não era a ideia.

Gerard, que havia começado a dirigir o mais longe possível da boate, parou o carro, frustrado com toda aquela agitação.

- Quer parar, Vivian! – O homem gritou segurando as mãos da garota.

A desesperada ruiva começou a chorar. Ela havia planejado tanto aquela noite, trabalhado tanto para que todo seu conhecimento de engenharia funcionasse, para que ninguém saísse machucado; queria apenas que ela e sua amiga ficassem mais próximas, como verdadeiras irmãs, que elas entendessem o sentimento uma da outra.

Vivian, aos poucos, parecia se acalmar, mas quando de repente, ouviu o barulho de sirenes passando por trás do carro preto de Gerard, o desespero da ruiva começou a bater novamente em seu peito, fazendo-a agir impulsivamente ao sair correndo do carro a fora. A garota começou a correr a pé, sem qualquer rumo definido, apavorada e paranoica com toda aquela situação.

Gerard tentou dirigir ao seu lado, mas Vivian pulou em meio a uma movimentada avenida de Paris, a Champs-Élysées, que apesar das primeiras horas da manhã, encontrava-se movimentada e por pouco a jovem não acabou atropelada pelos carros que passavam por lá, em alta velocidade.

- Você vai acabar se matando! – Gerard gritou da sua janela, mas Vivian ignorou ou simplesmente não ouviu, fazendo o desespero correr solto pelo seu corpo. A garota corria pelos becos, ignorando seus medos, ela não sabia para

onde ia, só sabia que ela tinha que desaparecer, ela não era mais bem-vinda naquele mundo.

A desequilibrada garota começava a falar cada vez mais alto, corria sem rumo, até finalmente chegar em um lugar levemente conhecido para ela: a “Pont des Arts”, aquela ponte cheia de cadeados de namorados, que os prendiam ali nas grades, com a ideia idiota de que isso os faria ficar eternamente juntos. Ela e Gerard haviam feito isso. Que estupidez.

Vivian caminhou até a beirada e se colocou do outro lado da grade recheada de cadeados. Ficou observando o belo canal naquela manhã e o sol que começava a nascer no horizonte; se ela se jogasse, seria o melhor que aconteceria para todos. Talvez Giulia a perdoaria por tê-la matado.

- Desce daí, Vivian! – Gerard apareceu em meio a ponte. Instintivamente, a jovem virou-se para seu amado e fiel namorado, sorriu para ele com enorme tristeza e com lágrimas nos olhos e soltou as mãos da grade, sentindo seu corpo despencar. Ela finalmente teria o fim que tanto desejava, a paz que tanto almejava, finalmente não teria mais medo. Seu corpo começou a cair, cair e cair, até finalmente aterrissar e quando Vivian pensou que finalmente estava na tranquilidade da morte, quando abriu os olhos seu desespero foi total. Ela não estava morta, ela se encontrava em uma enorme montanha de lixo, dentro de um barco de lixo.

Nem mesmo se matar ela conseguia fazer direito. A única coisa que sabia fazer era matar os outros.